

APRESENTAÇÃO

INTRODUCTION

Andréia Guerini

Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
andreia.guerini@gmail.com

Este número da *Revista da ANPOLL* dedicado aos Estudos Literários apresenta 20 artigos, 02 resenhas e 01 entrevista. Abre o volume “L’invenzione della Sirena: miti marini e figurazioni alate nella storia immaginaria del Mediterraneo”. Nesse artigo, Biagio D’Angelo trata da “sirena/sereia” que é um dos mitos mediterrâneos mais profícuos na literatura e nas artes. Na sequência, em “O inespecífico e a forma”, Luciene Azevedo investiga o conceito de forma e sua operacionalidade para as obras inespecíficas produzidas hoje, analisando o romance da escritora mexicana Valeria Luiselli, *Arquivo das crianças perdidas*. Em “História, memória e identidade martinicana em *O Quarto Século* de Édouard Glissant”, Francisco de Assis Neto e Edna Sousa Cruz analisam o papel da história e memória no processo de recriação identitária dos antilhanos na obra *O Quarto Século*, de Édouard Glissant. Em “O *gestus* social em Brecht: uma análise acerca de *Histórias do Sr. Keuner*”, Thaís Aparecida Domenes Tolentino se debruça sobre o conceito de *gestus social* na obra de Bertolt Brecht, com atenção voltada para a relação entre sua teoria do teatro épico e seus escritos em prosa concatenados em *Histórias do sr. Keuner*. Em “Literatura para a infância e autoritarismo: releituras fascistas de Pinóquio”, Heloisa Sousa Pinto Netto aborda as releituras da obra *Pinóquio*, denominadas *pinocchiate*, enredos breves que foram publicados na Itália após a morte de seu autor, Carlo Collodi. Em “Antonio Tabucchi e a constante inconstância do amor na pós-modernidade”, Karla Renata Mendes reflete sobre a obra de Tabucchi, investigando seus diálogos com a pós-modernidade e a forma com que aborda questões contemporâneas como a fragilidade das relações, a inconstância que cerca o indivíduo e a fluidez das identidades. Em “*To Take On the Nature of Wild Animals: Elements of Biological Horror in the Fourth Branch of the Mabinogi*”, Gabriela Pirotti Pereira propõe uma leitura do conto “Math, son of Mathonwy”, como retrato do horror biológico. Em “Thematic Parallels in Shakespeare and the 19th Century Urdu Poetry: A Comparative Study”, Muhammad Imran, Muhammad Afzaal, Neelum Almas e Hammad Mushtaq objetivam destacar que a poesia de línguas e épocas diferentes podem compartilhar questões semelhantes como, por exemplo, a temática.

Dando continuidade, temos um conjunto de textos que tratam de literatura brasileira e comparada. No artigo “Espumas Flutuantes de além mar: Castro Alves e Victor Hugo o porquê da análise comparativa”, Cleonice Ferreira de Sousa objetiva, em um primeiro momento, compreender a importância de estabelecer um estudo comparativo e analítico das poesias alvesianas, que trazem referência explícita de Victor Hugo para, na sequência, traçar o panorama cultural e histórico que justifique as escolhas efetivadas pelo poeta brasileiro no intuito de reiterar em seus escritos o mago da poesia francesa. Em “Tradução como (i)migração: Adrien Delpech, um dos primeiros tradutores de Machado de Assis”, no qual Marie-Hélène C. Torres mostra e dá visibilidade aos agentes intermediários da circulação das obras literárias, e,



particularmente, a um tradutor esquecido pela história literária francesa e brasileira, Adrien Delpech, que foi um dos primeiros tradutores de Machado, responsável pela divulgação do autor não somente no sistema literário francês, mas também nos outros sistemas culturais-literários. Em “As ranhuras da natureza humana em ‘Pai contra mãe’, de Machado de Assis”, Raquel Cristina Ribeiro Pedroso e Gabriela Kvacek Betella analisam a representação de pulsões humanas no conto “Pai contra mãe”, publicado na coletânea *Relíquias de Casa Velha*, de 1906, por Machado de Assis. Em “A configuração do intelectual no romance *S. Bernardo*”, Benedito Antunes procura caracterizar a voz narrativa do romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, como uma consciência crítica que acompanha e avalia os fatos ficcionais, apresentando-se, dessa forma, como um intelectual. Em “Drummond e a poesia social”, Marcelo Bortoloti apresenta alguns aspectos de atuação política de Drummond, e analisa o conceito de “poesia social”, conforme entendimento do próprio Drummond, a partir de textos que ele publicou na imprensa da época. Em “Os outros: o melhor de mim sou eles (encontros, acasos e silêncios na escritura de Manoel Barros)”, Valdegilson da Silva Costa e Vera Lúcia Bastazin analisam a maneira como a alteridade se inscreve na obra de Manoel de Barros, especificamente, no poema “Lições de R.Q”. Tomando por base procedimentos artísticos de Rômulo Quiroga nas artes plásticas e a poesia de Manoel de Barros, o estudo enfoca o encontro destas duas identidades: a do eu-lírico e a do artista plástico. Em “O sertão como Paisagem: a relação subjetiva do espaço em Galileia, de Ronaldo Correia de Brito”, Ana Carolina Negrão Berli de Andrade analisa as relações entre subjetividade e espaço no romance *Galileia* (2009), de Ronaldo Correia de Brito. Em “Certas Marias, outras Marianas: a construção da identidade feminina em *O retrato do rei*”, Cristina Reis Maia problematiza a construção da identidade feminina na realidade brasileira a partir do romance *O retrato do rei*, de Ana Miranda.

Na sequência, temos um conjunto de textos sobre literatura portuguesa e comparada. No artigo “*Leonorana*, de Ana Hatherly: o poema enquanto catedral barroca”, Luís Carlos S. Branco trata do poema “*Leonorana Variação VII*”, de Ana Hatherly, dando especial atenção ao modo como Hatherly se apropriou da Lianor, referida nos versos de Camões. Em “Quantas vidas tem Camões? Sobrevidas rasurantes e representações do amor homoerótico na ficção de Frederico Lourenço”, Jorge Vicente Valentim propõe uma leitura do conto “O retrato de Camões”, de Frederico Lourenço. Em “Quando as personagens se sentam à mesa: a narrativa de Senna Fernandes de Luís Cardoso”, Pedro d’Alte coloca em destaque dois autores portugueses que fornecem quadros literários que permitem, ao leitor, ampliar a experiência lusófona em vários prismas, tornando explícito choques identitários, conflitos étnicos e religiosos e determinados momentos históricos. Em “Rui Torres, precursor de Herberto Helder e Raul Brandão: reimaginação na poética digital”, Keilla Conceição Petrin Grande e Rogério Barbosa da Silva a partir de *Húmus - poema contínuo*, de Rui Torres, estabelecem um diálogo com o romance *Húmus*, de Raul Brandão, publicado em 1917, e o poema homônimo de Herberto Helder, de 1967, destacando como os meios digitais afetam a relação com o texto literário impresso, seja no ato da criação ou no da leitura, e discutir como se operam a retomada e o diálogo com as obras do passado.

Na seção “Resenhas”, Maria Irene Ramalho discute o livro *Ágora*, de Ana Luisa Amaral. Gabriel Salvi Philipson trata do livro *Mídias Ópticas: curso em Berlim*, de Friedrich Kittler e traduzido por Markus Hediger. Na seção “Entrevista”, Gabriel de Melo Lima Leal e Oslei Bega Júnior entrevistam Hans Ulrich Gumbrecht. Boa Leitura!